

SUBJETIVIDADE E ORDEM DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

SUBJECTIVITY AND WORD ORDER IN BRAZILIAN PORTUGUESE

*Jussara Abraçado**

RESUMO: Este trabalho se propõe a demonstrar que a relação entre ordem de palavras e subjetividade, verificada em pesquisas realizadas em diversas línguas, verifica-se também no português do Brasil (PB). Analisando as ocorrências das ordenações verbo-sujeito (VS) e objeto-verbo (OV) na fala de 12 informantes cujas entrevistas integram a Amostra Censo (Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro, PEUL/UFRJ), constatamos que tanto a VS quanto a OV servem à estratégia de veicular subjetividade. Com base em Givón (1985), postulamos que, por diferirem da ordem neutra do PB (SVO), a VS e a OV se prestam à função de sinalizar as porções do discurso que correspondem à expressão dos pontos de vista, sentimentos e opiniões do falante, destacando-as das demais ideias básicas comumente veiculadas pela cláusula canônica/neutra.

PALAVRAS-CHAVE: subjetividade, ordem de palavras, VS, OV, português brasileiro.

ABSTRACT: This paper aims to demonstrate that the relationship between word order and subjectivity demonstrated in studies conducted in several languages occurs also in Brazilian Portuguese. Analyzing the occurrence of VS and OV orders in the speech of 12 informants whose interviews are part of the Amostra Censo (Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro, PEUL/UFRJ), we find that both the SV and OV orders serve as a strategy to convey subjectivity. Based on Givón (1985), we postulate that, since the SV and OV orders differ from SVO, the neutral order of Brazilian Portuguese, they can perfectly perform the function of highlighting portions of the speech that correspond to the expression of point of views, feelings and opinions of the speaker, distinguishing them from the other basic ideas conveyed by the canonical / neutral clause.

KEYWORDS: Subjectivity, word order, VS, OV, brazilian portuguese.

* Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói/RJ. Professora Associada de Linguística, Instituto de Letras, Departamento de Ciências da Linguagem. Email: almeidamja@globo.com.

SUBJETIVIDADE E ORDEM DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

1. Ordem de palavras sobre a perspectiva funcionalista

Sob o viés funcionalista, entendendo-se a gramática como um conjunto de regularidades decorrentes de pressões de usos linguísticos que, por sua vez, relaciona-se a um conjunto complexo de aspectos de natureza cognitiva e discursivo-pragmática, a ordenação de constituintes é tida como o primeiro nível de fixação de padrões sistemáticos, obedecendo a tendências regulares que levam ao estabelecimento de uma ordem básica/neutra.

De acordo com Givón (1985), os estudos tipológicos concentraram-se primariamente na sintaxe proposicional, não sendo acidental seu interesse inicial pela ordem de palavras e pela atribuição de caso, uma vez que são esses os principais recursos utilizados (ao lado da entonação) para codificar a informação proposicional (ABRAÇADO, 2003).

Givón (1985) define sintaxe proposicional explicitando sua função (a de expressar o significado proposicional em termos do verbo e dos vários papéis temáticos participantes nos eventos, ações ou estados) e os recursos de codificação utilizados (ordem de palavras, morfologia e entonação) para criar a estrutura da cláusula canônica/neutra: a cláusula principal-declarativa-afirmativa-ativa (ABRAÇADO, 2003).

O autor explica que a cláusula canônica/neutra nas línguas é aquela que conta quem fez o quê para quem, quando, onde, como ou por quê e para quê, comunicando a ideia básica dos eventos/ações/estados e carregando a

maior parte da informação nova no discurso. E, mesmo sendo o mais simples domínio funcional na sintaxe, é bastante complexa, pois codifica os papéis semânticos dos vários participantes e ainda as diferenças entre estado (sem mudança), evento (mudança no tempo) e ação (mudança precipitada por um agente). Além disso, a cláusula canônica/neutra, muito frequentemente, é responsável pela atribuição de um papel pragmático relevante: tópico/sujeito (ABRAÇADO, 2003).

Ainda de acordo com Givón (1985), os tipos de variação comumente processados sobre a cláusula canônica/neutra desempenham importantes funções comunicativas, como ocorre, por exemplo, com a passiva cuja motivação principal é encobrir o agente, que costuma ter sua identidade expressa na cláusula canônica/neutra.

No que diz respeito ao português brasileiro (PB), são muitos os estudos dedicados a desvendar as funções desempenhadas pelas ordenações VS e OV, que estão entre os tipos mais frequentes de variação que se processam sobre sua ordem canônica/neutra (SVO). Em relação à VS, diversos estudos, ainda que sob orientações teóricas diferentes (cf. VOTRE; NARO, 1989; PONTES, 1986; KATO, 1984; LIRA, 1982; BITTENCOURT, 1979), chegam a conclusões semelhantes. O que se depreende de tais estudos é que essa variante constitui uma ordem marcada, sendo favorecida por verbos tradicionalmente classificados como intransitivos. Quanto à caracterização do sujeito posposto, parece ser consensual a conclusão de que este costuma diferir em muitas características do sujeito anteposto ao verbo: tende a ser não agentivo e não individuado.

Votre e Naro, pesquisando a base discursiva da ordem VS em narrativas, observaram que a VS

Tende a ocorrer em contextos de fundo, fora de cadeias tópicas; e o S, nessas construções, não é o item de que se está falando. O S em VS, em decorrência disso, tende a não ser referido anteriormente no discurso. É tipicamente não agentivo e não individuado já que referentes com valor positivo destas características seriam normalmente foco de atenção (1989, p. 177).

Votre e Naro concluem que a VS está a serviço de uma estratégia discursiva, que consiste em apresentar eventos e situações sem tópico, em plano de fundo, com baixa transitividade, e que, em geral, não são retomados na progressão discursiva.

No caso da OV, comumente caracterizada como um processo de topicalização, Votre (1992), Braga (1984) e Pontes (1987) destacam a função contrastiva desse tipo de ordenação, embora Braga entenda que esta é apenas uma das várias funções desempenhadas pela OV. Segundo a autora, a OV é também utilizada para retomar um item mencionado anteriormente, para atenuar uma afirmação precedente e para predicar sobre um elemento já introduzido no discurso. Tanto Votre quanto Braga observam que a topicalização do objeto direto tende a envolver, principalmente, entidades inferíveis e evocadas e, muito raramente, entidades novas (ABRAÇADO, 2003).

Tomando como base os trabalhos citados e também os achados de Givón (1979, 1985), Hopper e Thompson (1980), Thompson e Hopper (2001), Traugott (2010), entre outros, é nosso propósito, neste artigo, com o respaldo de dados coletados em 12 entrevistas da Amostra Censo (Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro, PEUL/UFRJ), apresentar evidências de que, além das funções já apontadas em pesquisas até então realizadas, a VS e a OV desempenham no PB outra importante função: a de veicular enunciados subjetivados.

2. Subjetividade e subjetivação

Considerando, conforme destaca Traugott (2010), que a subjetividade há muito vem sendo discutida na semântica, sendo as noções de subjetividade (e de intersubjetividade) teorizadas em diversas perspectivas, que vão da Linguística Cognitiva “Construcional” (LANGACKER, 1990, 2003) ao viés da interação humana e processos de produção e de compreensão da fala (SCHIFFRIN, 1990), começamos por delimitar o conceito de subjetividade que vamos adotar.

Traugott (2010) assume haver uma importante distinção a ser feita entre (inter)subjetividade e (inter)subjetivação. Como ponto de partida para tal distinção, adota a caracterização de subjetividade proposta por Lyons (1982, p.102), segundo a qual a subjetividade refere-se à maneira como as línguas naturais, em sua estrutura e em seu modo normal de operação, proporcionam, ao agente locucionário, a expressão de si mesmo e de suas próprias atitudes e crenças.

Baseando-se nas palavras de Lyons (1982) acerca da subjetividade, Traugott (2010) caracteriza a intersubjetividade de forma que esta se refere à maneira como as línguas naturais, em sua estrutura e em seu modo normal de operação, proporcionam ao agente locucionário a expressão de

sua consciência acerca de atitudes, crenças e, mais especialmente, da “face” ou “autoimagem” do destinatário.

Fazendo referência a um ramo de seu trabalho voltado, nos últimos 25 anos, para o estudo da semanticização da subjetividade ao longo do tempo, Tragott rotula de (inter)subjetivação o processo diacrônico de semanticização da (inter)subjetividade, assinalando haver uma distinção (embora não rígida) a ser feita entre o estado sincrônico ((inter)subjetividade) e o processo diacrônico ((inter)subjetivação). Com base em evidências encontradas em textos históricos, a autora assume que a mudança linguística é uma mudança no uso. Assume também haver distinção entre semântica e pragmática, o que faz com que sua proposta não se coadune com as propostas da Gramática Cognitiva, embora haja pontos de conexão óbvios entre as abordagens em questão.

Fato é que a distinção entre semântica e pragmática fundamenta a hipótese de Traugott (2010) de que a subjetivação e a intersubjetivação envolvem a reanálise de significados pragmáticos, que surgem em contextos em que falante e ouvinte negociam significados, como significados codificados. Nesses termos, subjetivação é o desenvolvimento de significados que expressam a atitude ou o ponto de vista do falante, enquanto intersubjetivação é o desenvolvimento da atenção do falante para a autoimagem do destinatário.

Com respeito à proposta de Traugott (2010), há um aspecto importante a ser considerado: sob essa perspectiva, como explica, (inter)subjetividade não significa “ter significados pragmáticos (inter)subjetivos em contextos relevantes”, mas “ter um significado (inter)subjetivo recente codificado”. Para a autora, é preciso distinguir a (inter)subjetividade, que pode acompanhar pragmaticamente a utilização de uma forma, do seu desenvolvimento em direção a um significado codificado.

Acatamos as razões e as ponderações de Traugott (2010). Entretanto, optamos por entender a subjetividade como referindo-se a mecanismos existentes nas línguas naturais, que são utilizados por seus usuários para a expressão de si mesmos, de suas atitudes e crenças. Nossa opção se justifica em função do estágio e da natureza da pesquisa que estamos desenvolvendo. Estamos realizando um estudo sincrônico, em que investigamos o emprego da VS e da OV veiculando subjetividade. Como tal, não podemos relacionar subjetividade à codificação de um significado subjetivo “recente”. Assim sendo, para nós a subjetividade refere-se à codificação de significados subjetivos simplesmente, o que inclui, também, os significados recentes.

Tendo definido o conceito aqui adotado de subjetividade, passamos a abordar a relação entre subjetividade e ordem de palavras.

3. Subjetividade e ordem de palavras

Vislumbramos a relação entre subjetividade e ordem de palavras no PB quando observamos, nos dados analisados, que muitas das ocorrências da VS e da OV acontecem em momentos em que o informante fala de si mesmo, de seus sentimentos, ou tece comentários sobre alguém ou sobre algum acontecimento, como demonstram os exemplos a seguir:

- (1) VS: (...) eu acho que vale a pena. Mas não... acho que não vai dar porque acho aquilo muito pequeno para tanta gente. Tem lugares que já esgotou. Esgotou, (hes) *já esgotaram os ingressos* e não vou. É assim, às vezes tenho vontade de fazer as coisas e acabo não fazendo. (FAL 30)
- (2) OV: Mas, pensando bem eu não gosto-eu gosto mais de sossego-só-eu sei quando eu vou no mercado. Às vez eu (“quando vou”) no mercado com ele, eu fico tonta! (rindo) Tanta coisa que eu não sei por onde que eu começo. (riso) Fico olhando. E é. E a o... custo de vida está muito alto mesmo, alto! *Carne, ninguém pode quase comer mais, não é?* (FAL 30)

Thompson e Hopper (2001, p. 53) já haviam assinalado a correlação entre baixa transitividade e subjetividade na conversação, em virtude do fato de nossas conversas serem principalmente sobre “como as coisas são sob nossa perspectiva”, ou seja, serem reflexos da subjetividade em nosso uso diário da língua. Julgamos importante ressaltar que a maior parte dos casos de VS e de OV veiculando subjetividade que contabilizamos ocorreram em contextos de diálogo.

Relativamente à ordem de palavras. Traugott diz que¹

Um número crescente de estudos tem sugerido que [...] elementos linguísticos subjetivados são usados em posições cada vez mais periféricas. Normalmente, a mudança é para a esquerda nas línguas VO e para a direita nas línguas OV. Em Inglês muitos marcadores discursivos estão associados com a periferia esquerda (algumas vezes com a direita), e seu uso nessa posição pode ser correlacionado com a subjetivação do seu significado (ver, por exemplo, Traugott e Dasher de 2002, *indeed, in fact, actually*, Brinton a ser publicado em breve sobre *I mean*). Tem sido também sugerido que os adjetivos com significados subjetivados possam ser en-

¹ Tradução do autor.

contrados na periferia esquerda do SN, ver, por exemplo [...], Breban (2006) sobre as correlações da ordem de palavras, subjetivação e gramaticalização no desenvolvimento de adjetivos como *different, distinct*. Da mesma forma, em japonês, muitos itens que são subjetivados ou intersubjetivados vêm sendo usados na periferia da cláusula (ver, por exemplo, Onodera 2005, Onodera e Suzuki a ser publicado)(2010).

No que concerne à ordem dos constituintes, pelo menos em relação ao PB, entendemos que a subjetividade está relacionada à cláusula como um todo e, logicamente, a uma função discursiva, da qual falaremos em seguida.

Considerando (i) que cabe à cláusula canônica/neutra comunicar a ideia básica dos eventos/ações/estados e, também, contar quem fez o quê para quem, quando, onde, como ou por quê e para quê, e (ii) que, em função do exposto em (i), fica ao encargo dos tipos de variação comumente processados sobre a cláusula canônica/neutra o desempenho de outras importantes funções comunicativas (GIVÓN, 1985), postulamos que a VS e a OV, além das funções já apontadas em estudos anteriores, desempenham também a função de veicular subjetividade. A nosso ver, a VS e a OV, sendo distintas da ordem neutra, naturalmente se prestam à estratégia discursiva de sinalizar as porções do discurso que correspondem à expressão dos pontos de vista, sentimentos e opiniões do falante, destacando-as das demais ideias básicas normalmente veiculadas pela cláusula canônica/neutra.

A seguir apresentamos outros dois exemplos, em que o informante fala de uma terceira pessoa, mas que, no entanto, apesar de não falar de si, é evidente o caráter subjetivo, presente tanto na VS quanto na OV:

(3) VS:

F- [...] Eu conheci um rapaz, até ele tinha o apelido de carioquinha ele tinha uma perna normal, (est) e a outra perna dele, daqui de cima, do (inint) para baixo, era seca, (passarinho) como se tivesse mumificada.

E- [(est)] [(est)] É mesmo?

F- É, *como se tivesse secado aquela perna dele*. Sabe aquilo o que foi? (FAL 46)

(4) OV:

E- [...] você (hes) mora aqui com (hes) a sua família, não é?

F- É.

E- Você (hes) pode falar de cada um para mim um pouco, descrever cada um?

F- Bom. Assim, dizer como eles são? Como ele é, assim, em casa?
 E- É. Como você estava falando para mim agora. Sua avó...
 F- Ah! Minha avó é- gosta muito mais de se divertir, gosta de tomar
 cerveja dela. *Cerveja ela toma bastante!* Gosta de samba [...]. (FAL 4)

Os quatro exemplos apresentados ilustram as ocorrências de VS e de OV que categorizamos como casos de subjetivação. Conforme demonstraremos a seguir, casos como esses correspondem a fatias significativas das ocorrências que registramos da VS e da OV.

3.1 VS e OV: subjetividade em números

Neste trabalho, apresentamos apenas a etapa inicial da pesquisa, a primeira fase da análise, que consiste em mensurar, nos dados coletados até então, os percentuais de ocorrências da VS e da OV veiculando subjetividade. Também promovemos a comparação dos percentuais referentes à subjetividade da VS e da OV com os percentuais correspondentes, respectivamente, à função de introduzir informação nova e à função de estabelecer contrastes, buscando avaliar, relativamente a importantes funções desempenhadas pela VS e pela OV no PB, a relevância e a abrangência da função aqui investigada.

Os dados analisados, como já dissemos, foram extraídos da fala de 12 informantes da Amostra Censo (Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro, PEUL/UFRJ). No quadro que se segue, encontram-se o código, o gênero e a idade de cada um dos nossos informantes.

INF	IDADE	GÊNERO
FAL 49	7	M
FAL 50	8	F
FAL 30	8	M
FAL 1	18	M
FAL 4	25	F
FAL 9	39	M
FAL 7	41	M
FAL 43	42	M
FAL 16	56	F
FAL 8	57	M
FAL 34	62	F
FAL 46	62	M

Quadro 1: Informantes

Na fala desses informantes, cujas faixas etárias variam de 7 a 62 anos, registramos um total de 163 ocorrências da VS e 76 ocorrências da OV.

No que se refere à VS, contabilizamos 64 casos de subjetividade que correspondem a 33% das ocorrências, conforme ilustrado no Gráfico 1.

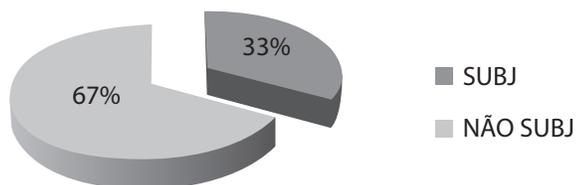


Gráfico 1: VS veiculando subjetividade

Cumpramos ressaltar que nos dados analisados o percentual da VS veiculando subjetividade é bem próximo do percentual de ocorrências da VS introduzindo informação nova. Seguem o exemplo (5) e o Gráfico 2 referentes às ocorrências da VS introduzindo informação nova.

(5) VS introduzindo informação nova:

F- (...) Aí fomos, vimos a oficina, coisa e tal, e fizemos negócio – é onde eu estou até hoje, certo? Já estou há 14 anos em Del Castilho, (est) certo? Começamos como empregado, quer dizer, como empregado, vim de empregado, passamos a sócio, *depois entrou um outro sócio*, que é o Chagas que também já trabalhava junto, lá [...]. (FAL 7)

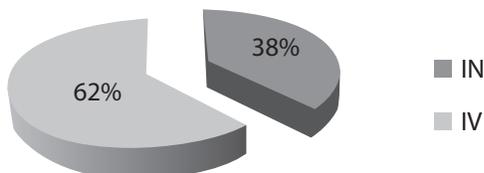


Gráfico 2: VS introduzindo informação nova

Sendo a função de introduzir informação nova apontada como uma das principais funções desempenhadas pela VS no PB e sendo os seus percentuais compatíveis com os da função de veicular subjetividade, consideramos ser apropriado inferir que veicular subjetividade também seja uma importante função da VS no PB.

Se já se pode considerar significativo o percentual de VS veiculando subjetividade, no que diz respeito à OV, como demonstra o Gráfico 3, os 48 casos de subjetividade verificados, em um total de 76 ocorrências, correspondem a quase o dobro do obtido pela VS, chegando a 63,1%.

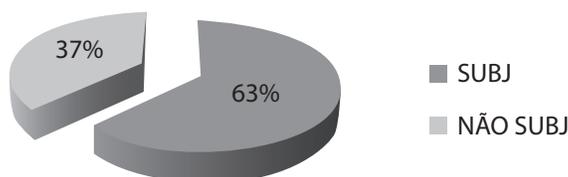


Gráfico 3: OV veiculando subjetividade

Também em relação à OV, comparamos o percentual de casos de subjetividade com o percentual de ocorrências da OV desempenhando uma de suas funções no PB tidas como principais: a função de estabelecer contrastes ($25/77 = 32.47\%$).

O exemplo a seguir e o Gráfico 4 referem-se às ocorrências da OV desempenhando a função de estabelecer contraste.

(6) OV veiculando subjetividade:

E- Vocês lêem a Bíblia em casa, fazem alguma coisa assim?

F- Não.

E- Quer dizer, qual é a religião que existe na casa?

F- É só a macumba. (riso) (est)

I- É umbanda ou candomblé?

F- É umbanda. *Candomblé eu acho [muito]- muito feio.* (FAL 1)

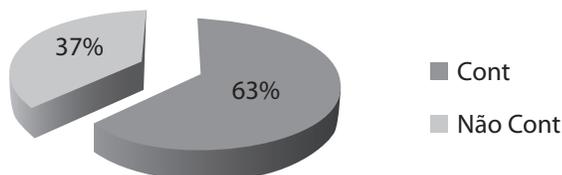


Gráfico 4: Percentual de OV estabelecendo contrastes

Como podemos constatar, os resultados que encontramos sugerem que, relativamente à OV, a veiculação da subjetividade pode ser sua principal e mais produtiva função. Respaldam os resultados aqui exibidos alguns casos em que observamos a superposição de funções, indicando ser a subjetividade uma função mais abrangente do que as demais. Em (6), por exemplo, temos uma OV estabelecendo contraste, mas também veiculando subjetividade, o que dá margem à seguinte questão: em casos como esse, não seria o estabelecimento de contraste uma subfunção da subjetividade? Esta é uma dentre outras questões que esperamos responder em textos futuros.

Considerações finais

Neste trabalho, considerando que a subjetividade se refere a mecanismos existentes nas línguas naturais e que seus usuários empregam para a expressão de si mesmos, de suas atitudes e crenças, demonstramos que a relação entre ordem de palavras e subjetividade, estabelecida em outros trabalhos realizados em diversas línguas, verifica-se também no PB.

Analisando as ocorrências da VS e da OV na fala de 12 informantes cujas entrevistas integram a Amostra Censo, constatamos que, além das funções já apontadas em pesquisas anteriores, a VS e a OV desempenham no PB outra importante função: a de veicular enunciados subjetivados. Com base em Givón (1985), entendemos que, por diferirem da ordem neutra (SVO), a VS e a OV, ao serem empregadas veiculando subjetividade, naturalmente sinalizam, ou seja, destacam as porções do discurso correspondentes à expressão dos pontos de vista, sentimentos e opiniões do falante das demais ideias básicas que são normalmente veiculadas pela cláusula canônica/neutra.

Referências Bibliográficas

ABRAÇADO, Jussara. O princípio da adjacência e o grau de integração entre verbo e objeto. *Delta*, v.17, n.2, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502001000200007>. Acesso em: 20 jan. 2010.

_____. *Ordem de palavras: da linguagem infantil ao português coloquial*. Niterói: EdUFF, 2003.

BITTENCOURT, V. O. *A posposição do sujeito em Português*. Dissertação (Mestrado) – UFMG, 1979.

BRAGA, M. L. *Tópico e Ordem Vocabular*. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, n. 36, 1984, São Paulo.

GIVÓN, Talmy (Ed.). From discourse to syntax: Grammar as a processing strategy. In: _____. *Syntax and Semantics*, v. 12: Discourse and syntax, 1979. p. 81-112.

_____. Function, Structure, and Language Acquisition. In: HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. In: *Language* 56, 1980, p. 251-99.

SLOBIN, Dan Isaac (Ed.). *The crosslinguistic study of language acquisition*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1985a. v.1 (The data). v. 2 (Theoretical issues). p. 1005-1027.

LANGACKER, Ronald. W. Subjectification. In: *Cognitive Linguistics* 1, 1990, p. 5-38.

_____. Extreme subjectification: English tense and modals. In: CUYCKENS, H; BERG, T; DIRVEN, R.; PANTHER, K. (Ed.). *Motivation in Language: Studies in Honor of Günther Radden*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2003. p. 3-26. (Current Issues in Linguistic Theory 243.)

KATO, Mary Aizawa. Verb Initial Constructions in Portuguese and their Correlate Constructions in English. In: *Papers and Studies in Contrastive Linguistics*, Center for Applied Linguistics, Washington, C.C., n. 18, p. 77-79, 1984.

LIRA, S. de Azambuja. *Nominal, Pronominal and Zero subject in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, 1982.

LYONS, John. Deixis and subjectivity: Loquor, ergo sum? In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (Ed.). *Speech, Place, and Action: Studies in Deixis and Related Topics*. New York: Wiley, 1982. p. 101-124.

PONTES, E. A ordem VS em português. In: *Ensaio de Lingüística*. Belo Horizonte, UFMG, 1982. v. 7, p. 138-46.

_____. *O tópico no português do Brasil*. São Paulo: Pontes, 1987.

SCHIFFRIN, D. The management of a co-operative self during argument: The role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, A. D. (Ed.). *Conflict Talk: Sociolinguistic Investigations of Arguments in Conversations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 241-259.

VOTRE, S; NARO, A.J. Mecanismos funcionais do uso da língua. *DELTA*, São Paulo v.5, n.2, p. 169-84, 1989.

_____. *S. Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1992.

THOMPSON, S. A.; HOPPER, P. Transitivity, clause structure, and argument structure: Evidence from conversation. In: BYBEE, J. L.; Hopper, P. (Ed.) *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2001. p. 27-60. (Typological Studies in Language 45).

TRAUGOTT, E. C. *Revisiting subjectification and intersubjectification*. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2010. (Topics in English Linguistics).

Recebido em 28 de janeiro de 2011

Aceito em 20 de maio de 2011